

Necrópole em tempos de pandemia: a morte dos rituais no universo funerário do cemitério de Santo Antônio, ES

Necropolis in pandemic times: the death of rituals in the funeral universe of the cemetery of Santo Antônio, ES

ISIS SANTANA RODRIGUES

Universidade Federal do Espírito Santo

APARECIDO JOSÉ CIRILLO

Universidade Federal do Espírito Santo

FAPES E CNPq

Este trabalho trata da produção escultórica na arte fúnebre, em particular no contexto histórico do cemitério de Santo Antônio. A arte cemiterial está aqui entendida no contexto das intervenções urbanas que compõem a arte pública no Brasil. Destacamos que a história desse cemitério está ligada às pandemias e epidemias no século XVI até o atual momento, nesta causada pelo novo corona vírus. Infelizmente a malária, varíola (1558 e 1559), cólera (1855 e 1856) e o covid-19 (2019 e 2020) foram a causa do óbito de centenas de pessoas no estado do Espírito Santo, período este excepcionalmente grande e que interferiu consideravelmente no processo de morte e luto de diversos entes queridos. Sendo que, em meio a esta situação, o governo ES exigiu diversas mudanças e muitas pessoas se viram obrigadas a consagrar o último adeus à distância e/ou tempo e número reduzido, com caixões lacrados, ou mesmo rituais mórbidos através de chamadas de vídeo e que nos parece estar mudando os modos de presença e memorização da pessoa morta. Nossa hipótese é de que a arte cemiterial parece estar sendo substituída por processo midiáticos/tecnológicos de cultuar a memória do falecido, o que afetará sobremaneira a arte cemiterial. Para tanto, contextualiza-se a perda da memória e dos rituais funerários acerca da morte, frente a pandemia ou epidemias. Muitas pessoas precisam preservar a memória do falecido, sendo por esculturas ou por objetos deixados nos túmulos. Compreende-se que a população precisa sentir o luto na sua ida ao local para se despedir de seus finados, devendo ser repensado para as possíveis pandemias e epidemias futuras.

Palavras-chave: Memória; Rituais; Pandemia; Epidemia.

This work deals with the sculptural production in funeral art, particularly in the historical context of the Santo Antônio cemetery. Cemetery art is understood here in the context of urban interventions that make up public art in Brazil. We emphasize that the history of this cemetery is linked to pandemics and epidemics in the 16th century until the present moment, caused by the new corona virus. Unfortunately, malaria, smallpox (1558 and 1559), cholera (1855 and 1856) and covid-19 (2019 and 2020) were the cause of the death of hundreds of people in the state of Espírito Santo, an exceptionally large period, which interfered considerably in the process of death and grief of several loved ones. Since, in the midst of this situation, the ES government demanded several changes and many people were forced to enshrine the last goodbye to distance and / or time and reduced number, with sealed coffins, or even morbid rituals through video calls. Our hypothesis is that cemetery art seems to be being replaced by media / technological processes of worshipping the deceased's memory, which will greatly affect cemetery art. To do so, the loss of memory and funerary rituals about death is contextualized in the face of a pandemic or epidemics. Many people need to preserve the memory of the deceased, either by sculptures or by objects left in the tombs. It is understood that the population needs to feel the mourning on their way to the place to say goodbye to their dead, and must be rethought for possible pandemics and future epidemics.

Keywords: Memory; Rituals; Pandemic; Epidemic.

Introdução

O presente ensaio deriva de uma pesquisa de mestrado que pretende inventariar e compreender a escultura cemiterial no Espírito Santo, e visa a análise de possíveis impactos nas esculturas e processo de rememoração nesse espaço, a partir de um cenário pandêmico e epidêmico; o qual pode ser observado no estado desde o desembarque dos colonizadores portugueses em 1535 até o ano de 2020.

Contextualiza-se sobre os rituais fúnebres no bairro de Santo Antônio, em Vitória – ES, e as práticas ocasionadas pelo culto a memória dos entes queridos. Por fim, uma breve reflexão da atualidade em meio ao covid-19 e a morte dos rituais fúnebres, que estão sendo impedidos de serem praticados devido o grande número de casos da doença, fazendo com que se torne incerto a data de retorno para a realização das práticas nas idas aos cemitérios. O momento atual é de incerteza quanto a volta das visitas aos túmulos, dos velórios em número maior do que 10 pessoas, do limite de tempo para se despedir com calma. Portanto, deve ser repensado para um futuro próximo novas estratégias e métodos no controle das pandemias e epidemias no estado do Espírito Santo.

Parte-se de um breve histórico dessas enfermidades e emergências sanitárias envolvendo malária, varíola, peste negra, cólera e covid-19. Busca-se refletir sobre as causas, rituais funerários e peculiaridades históricas da população capixaba. Neste contexto, é visto que as práticas habituais da falta de higiene, da carência de vacinas e também pela deficiência de infraestrutura no estado, foram um dos fatores primordiais para o alto número de mortes causados por diversas doenças. A partir do que foi dito, faz-se necessário dizer que era de costume as pessoas serem enterradas no interior das igrejas, porém , com um crescimento exponencial da população, houve a

falta de espaço, mas com essas enfermidades endêmicas, questões de ordem sanitária também afetaram o cenário da morte e dos processo de memorização, o que vai implicar diretamente na constituição dos cemitérios monumentais, nos quais vamos encontrar esculturas e objetos que integram o que se chama de arte cemiterial. Diante das necessidades do final do século XX e das inúmeras enfermidades que acometeram o Espírito Santo, o poder público decidiu abrir as necrópoles e hospitais, contratar médicos, distribuir vacinas para o controle de óbitos presentes no estado.

Assim, neste artigo buscaremos apresentar alguns aspectos da arte pública capixaba, focada na arte cemiterial, buscando entender como essa manifestação artística foi e vai sendo afetada por esses momentos de isolamento e de reservas sanitárias decorrentes de enfermidades como a COVID-19, mas entendendo que essas questões não são novidade no cenário das artes no estado.

Sepultamentos em tempos de pandemia e epidemias no estado do Espírito Santo

Com a vinda dos primeiros colonizadores portugueses no ano de 1535¹, comandados pelo Donatário Vasco Fernandes Coutinho, houve a necessidade da construção de moradias, um forte e uma igreja de forma a garantir a posse da terra. Depois de um tempo, em 1545²

1 Celebra-se no dia 23 de maio, o Dia da Colonização do Solo Espírito-Santense. A data tem origem no ano de 1535, quando portugueses, a bordo da caravela Glória, desembarcaram aqui no estado (onde atualmente se localiza a Prainha, em Vila Velha) com a missão de colonizar a então Capitania do Espírito Santo (BRASIL -Tribunal de Justiça do estado do Espírito Santo, acesso em 14 de set. 2020).

2 Fundada no século XVI, no ano de 1545 por Vasco Fernandes Coutinho. Esta foi a segunda instituição deste tipo instalada no Brasil com o nome de Irmandade da Misericórdia do Espírito Santo, ficando atrás apenas da Confraria da Misericórdia Bras Cubas, na cidade de Santos, em São Paulo (Santa Casa de Vitória, acesso em

foi fundada a Santa Casa da Misericórdia na Vila do Espírito Santo, com o intuito de cuidar e atender aos colonos nos tratamentos de moléstias, feridas e também como forma de providenciar os sepultamentos dos que ali faleciam.

De acordo com Derenzi (1995), em 1558 e 1559 houve uma série de ameaças na ilha de Santo Antônio como a malária e a varíola, que “matou tanta gente, em Vitória, que o adro da igreja, onde, segundo antigo costume, os jesuítas chegaram a sepultar dez cadáveres por dia, já não comportava mais...” (FREIRE, 1945, pág. 23). Ariés³ firma que durante a Idade Média as pessoas eram enterradas no interior das igrejas, posteriormente deslocados para o fundo dessas igrejas, mas por problemas relacionados à higiene, em especial com a Peste Negra, a manutenção e falta de espaço, bem como a salubridade dos espaços, este cenário foi sendo modificado para terrenos maiores e na maioria das vezes isolados de casas e prédios. Uma das várias sugestões sobre a realização de um cemitério fora da igreja veio a partir do decreto do Parlamento de Paris, de 1763, que não chegou a ser aplicado. Nele,

[...] o cemitério era um espaço fechado por muros, bastante grande para que as valas comuns pudessem fazer o rodízio rapidamente, sem esgotar o terreno. Isto porque os parlamentares tinham conservado o princípio secular de amontoamento dos corpos em várias camadas de espessura, apesar das objeções de alguns médicos e de alguns párocos. Procuravam estendê-lo a toda parte da população que a ele escapava. E este é o traço mais curioso de seu projeto: para desencorajar sem as suprimir completamente, submeteram-se as sepulturas,

14 de set. 2020).

³ ARIÉS, Philippe. O homem perante a morte: volume I. Portugal: Publicações Europa – América, LDA. 2ª ed. 2000.

nas igrejas, à taxa exorbitante de 2.000 libras (mais o preço do serviço, do monumento...o que fazia subir as despesas a cerca de 3.000 libras; certas fábricas, no inquérito de 1763, acham que a esse preço teriam um só cliente por ano). Os que não podiam ou não queriam pagar só tinham duas opções; ou iam, como todo mundo, para a vala comum (permitias-lhes apenas evitar a parada no depósito, dobrando o preço do transporte, ou então tinham direito, mediante 300 libras – quantia ainda assim significativa- a ir para uma cova particular, ao longo dos muros, zona reservada a esse tipo de inumação. Mas, em caso algum podiam cobrir o túmulo e ali edificar um monumento. Só tinham direito a colocar um epitáfio no muro do cemitério. O cemitério devia, portanto, ser absolutamente nu, sem monumentos e mesmo sem árvores”. (ARIÉS, apud SANTOS; FREITAS, 2012, p.33- 34.).

Neste trecho, Santos e Freitas vão evidenciar como, historicamente, os cemitérios vão ser formados e como a ideia de rememorar o morto com algum tipo de marco físico vai se estabelecendo como prática, em particular para o economicamente mais abastados da cidade. O que parece não ter mudado ao longo de mais de duzentos anos.

No Espírito Santo, capitania mais limitada em termos financeiros desde o período colonial, veremos que pouco se tem de monumentos tumulares antes do final do século XIX. No livro Biografia de uma Ilha (1995), traz a realidade sobre as fontes e epidemias no Estado do Espírito Santo: “Cidade suja, sem esgotos, as fezes eram guardadas em tonéis de madeira à espera do despejo, à noite. Quintais cobertos de imundícies, moscas, mosquitos, ratos, lixo por todas as ruas, matagal em todos os terrenos baldios” (DERENZI 1995, pag. 147). Os habitantes da ilha não tinham recursos financeiros, medicamentos, noções de higiene o que dificultava o processo de diminuição dos casos das doenças no estado. Havia também poucos médicos no auxílio da população. “A

assistência aos enfermos e os rituais fúnebres foram modificados, em função do medo que os doentes e os mortos por surto epidêmico causavam entre os vivos, que temiam serem contagiados” (FRANCO, 2014, pág. 135-136).

De certa forma, os surtos epidêmicos parecem contribuir para o crescimento da saúde pública, ou seja, o governo do estado precisou tomar várias medidas como forma de contenção dos vários casos registrados de enfêrmos, ampliando a quantidade de médicos, a distribuição de medicamentos ou vacinas.

A pobreza havia crescido assustadoramente. Foi necessário ao governo da província contratar médico para atender a população. Os cemitérios regurgitavam de cadáveres. O presidente Leal pede à assembleia lei para criar cemitério fora do perímetro urbano. A celeuma foi de arrepiar os cabelos. O “cholera-morbus”, de 1854 ao ano seguinte, alastrou-se por toda a província. O presidente Pereira de Barros, em ofício ao ministro Couto Ferraz, enumera 1.541 vítimas, das quais 375 em Vitória (DERENZI 1995, pag. 147).

De acordo com Daemon (2010), em 1855, quando apareceu a epidemia de cólera, havia, na Província do Espírito Santo, dois médicos e dois boticários, para uma população de 49. 092 habitantes⁴. Diante do estado crítico da capital, de acordo com Dr. Manoel José de Menezes Prado, inspetor de saúde pública da capital, as fontes que causavam as epidemias precisaram ser contidas (DERENZI, 1995). O mesmo realizou um relatório em 1876 que organiza medidas protetoras para a diminuição das enfermidades, entre elas “mandar fechar alguns cemitérios do centro da cidade, esses focos permanentes de

4 DAEMON, Basílio Carvalho. Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística. 2. ed. Vitória: Secretaria de Estado da Cultura, Arquivo Público Estadual do Espírito Santo, vol.12, pág. 1-343, 2010.

exalações mefíticas, verdadeiros insultos à salubridade pública” (DERENZI, 1995). Com isso, enterros foram proibidos de serem realizados no interior das igrejas, e, como necessidade da saúde pública, a criação de campos santos em lugares abertos e mais afastados dos centros urbanos. Essas crises de saúde coletiva no final do século XIX foi instrumentalizar o abandono dos enterramentos no interior das igrejas e o início efetivo de cemitério que pudessem acomodar os mortos, mas ao mesmo tempo pudessem permitir algum tipo de edificação que lhe permitisse ser lembrado. Assim, após a superação das situações de pandemias e epidemias dos séculos anteriores, mas mantendo os objetivos higiênicos no século XIX e XX, as necrópoles retomaram suas atividades de rotina e mantiveram as atividades no campo da arquitetura, da arte e da iconografia tumular.

É exatamente com esse movimento de sanitização das condições urbanas que o Cemitério de Santo Antônio vai ser edificado. Segundo a Prefeitura Municipal de Vitória, o Bairro de Santo Antônio já abrigava o cemitério mais antigo da cidade, o Cemitério da Irmandade de São Benedito do Rosário, que data de 1833. “O Cemitério de Santo Antônio foi construído no século XIX com a proibição de enterros em igrejas, mas ganhou mais importância no século XX” (PMV, acesso em 12 setembro 2020), como resultado dessa preocupação com uma política urbana higienista, que considerava o local distante e sem perspectivas de desenvolvimento. Porém, não se esperava que o bairro mais antigo de Vitória pudesse haver perspectiva e crescimento, visto que a área ocupada fazia parte da Fazenda “Santo Antônio”, de propriedade do Estado, que foi loteada e vendida no Governo de Jerônimo Monteiro, em 1910. A criação do bairro ocorre ao mesmo tempo que o desenvolvimento do Estado do Espírito Santo.

Esculturas como memória nos cemitérios monumentais

Os cemitérios monumentais nos mostra uma variedade de formas e representações construídas pelos homens, seja pela reflexão acerca da morte ou pela busca do passado através destas fontes, permitindo acesso a um conjunto polissêmico que reflete materialmente valores identitário da sociedade revelando um acervo imagético e simbólico de grande expressividade e valor memorial.

Segundo Fonseca (2019), em um cemitério secular tradicional podem ser identificados vários tipos diferentes de esculturas, tendo cada uma delas significados variados. Entre signos religiosos e pagãos, encontram-se santos, anjos, imagens sacras, a cruz (um dos principais signos) e uma série de objetos cotidianos que, embora relacionados muitas vezes aos fazeres do morto, estão simbolicamente repletos de significados compartilhados culturalmente.

A individualização de cada túmulo, através da arquitetura, escultura, signos e simbologias, por exemplo, é indicativa do desejo de perpetuação existencial: busca-se expressar as particularidades dos mortos nas lápides, para preservar a memória [...] (CARNEIRO, 2013).

Rituais fúnebres na necrópole de Santo Antônio: dos monumentos a processos de apagamentos

A paisagem urbano do bairro de Santo Antônio vai se totalmente alterada com o advento do cemitério monumental ali instalado em 1912. Com o crescimento populacional do bairro, este se tornou um local que abriga os mortos e os vivos, porém separados com altos muros para assim preservar a memória e a ideia de reclusão, silêncio e respeito dos que ali se foram. Dessa forma, como em várias

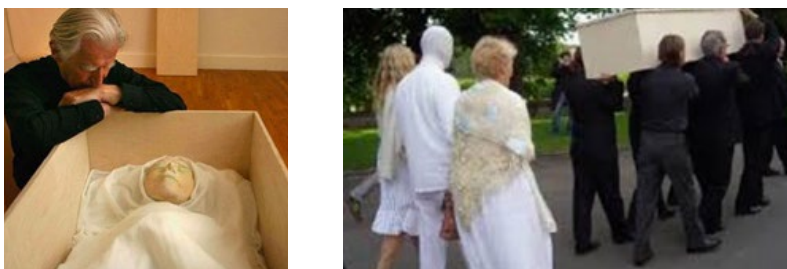
outras culturas, cada uma possui o seu ritual funerário, e no cemitério de Santo Antônio “os enterros aconteciam por meio do uso do bonde, ou seja, de um carro que levava o caixão e as pessoas até o portão do cemitério” (PREFEITURA DE VITÓRIA, acesso em 12 setembro 2020). A partir desse contexto, foi criado o bonde funerário (figura 1), que tinha um carro principal para levar parentes e amigos do falecido, e um reboque, que levava o corpo do morto. “A população denominava essa situação de “enterro de bonde” (PREFEITURA DE VITÓRIA, acesso em 12 setembro 2020).

Sendo este um tipo de ritual festivo e muito comum para os moradores do bairro, pois ali, além de prestarem condolências aos familiares do morto, também era um local para realizar novas amizades e possíveis relacionamentos futuros. “O indivíduo, apesar de sua existência temporária, pode após a morte, ser reverenciado e cultuado na memória ou na recordação de grupos específicos ou da sociedade como um todo”. (NOGUEIRA, 2012, p. 82). Podemos pensar nesses enterramentos com o Bonde Funerário com um espécie de performance, ou como uma prática colaborativa que envolve tanto a perda do ente querido, mas também o início de ritos de memorização. Podemos afirmar que o monumento fúnebre já se iniciava nos cortejos pela cidade. Isto nos remete ao enterro de Patrick Ireland (1972-2008), pseudônimo do crítico e artista irlandês Brian O'Dorethy (1928) por 36 anos. Em 2008, O'Dorethy decide dar fim a seu alter-ego e promove um velório e cortejo fúnebre por Nova Iorque para



FIGURA 1 Bonde dos Mortos ou Bonde Funerário, 1935 Fonte: BONICENHA (2004).

celebrar a vida e homenagear o morto (NY TIMES, 2008). A grande performance se inicia com o convite para que amigos, artistas e outros comparecessem ao velório de Ireland (numa pequena pequena cerimônia para cerca de 30 pessoas); o pretense corpo que foi conduzido e enterrado, para que O'Dorethy pudesse ocupar o seu lugar no plano da vida material. Essa obra de O'Dorethy transpõe para o campo da arte essa prática cultural dos rituais fúnebres, numa metáfora de transmutação do corpo e da memória (Figuras 2 e 4).



FIGURAS 2-3 (À direita) O'Dorethy velando o próprio alter-ego Patrick Ireland. (À esquerda, cortejo fúnebre com O'Dorethy vestido de branco. Fonte: <https://www.nytimes.com/2008/05/22/arts/design/22patr.html> (2008).



FIGURA 4 O'Dorethy sendo libertado de Patrick Ireland em performance do artista (2008). Fonte: <https://www.nytimes.com/2008/05/22/arts/design/22patr.html> (2008).

Essa proposta de O'Dorethy, apesar de ser uma metáfora estética dos enterramentos, se apropria poeticamente dos rituais de passagem, para liberar a si próprio de uma vida passada e permitir ao outro (si-mesmo) uma vida na qual seu avatar existe apenas na celebração de sua memória, mas para isto precisava de um corpo e de um espaço físicos para que fosse lembrado.

Apesar de a memória ser processada internamente, esta necessita de um espaço físico para ser ativada e estimulada, pois a mesma não se projeta no vazio (HALBWACHS, 1990). Assim, os hábitos, práticas e costumes da morte e de suas lembranças vão se estender aos mais variados elementos e costumes sociais, entre eles os anúncios de morte (estetizados por O'Dorethy).

Retomando o caso da morte em solo capixaba, como exemplo de costumes capixabas do anúncio e compartilhamento da morte, como parte dos rituais do morrer, podemos citar o *Jornal Diário da Manhã*, edição 199, p.2 do ano de 1919, onde na coluna **NECROLOGIO** é realizada a descrição minuciosa sobre o funeral de uma jovem (transcrição de texto seguindo fielmente a grafia da época:

Finou-se hontem, nesta capital, a senhorita Rosa Machado Tostes, filha do sr. João Machado Tostes, conhecido marchante, aqui estabelecido.

A inditosa extinta era normalista do Collegio N.S. Auxiliadora -e porque fosse dotada de predicados angelicos de ternura e bondade, a todo momento con-substanciados na correção de seus modos e na aprimorada maneira de tratar, ella se fizera sobreposse querida entre as collegas.

E estas, hontem, lacrimosas e tristes, empunhando cada qual um ramilhete de flores candidas como as suas almas, brancas como a alma daquella que se apartava do seu numero, foram acompanhar o seu enterramento, numa demonstração do pezar que as dominava.

Eternamente muda, silenciosa no caixão mortuario, Rosa deitava-se, pallida e fria, entre as suas irmãs dos jardins – pura entre essas puras maravilhas da natureza.

E pudemos notar que duas velas, acendidas na sua cabeceira, iam chorando no seu pranto mudo um rosario de lagrimas de cera!

Após, o féretro foi levado, com grande acompanhamento para o cemitério de Santo Antonio, vendo-se sobre elle um grande numero de guirlandas, com sentidos diseres (Diario da manha, 1919, pág. 2).

Apesar de ser imprescindível o cuidado, para não tratar os jornais como espelhos e reflexos não problemáticos de uma época, uma vez que a escrita traz as impressões e ideais dos seus autores, pode-se afirmar que tais periódicos, possuem relevantes informações, que permitem conhecer melhor as vivências, as relações sociais e o cotidiano dos capixabas no decorrer do tempo. Em especial desses rituais performativos colaborativos, público e involuntários, que envolvem a morte.

A morte do ritual fúnebre no século XXI em meio ao Covid-19

O cenário do novo Corona Vírus trouxe uma situação em que dezenas de famílias foram obrigadas a passar pelo processo de luto de um ente querido, sem qualquer tipo de ritual oferecido pela religião de costume, ou seja, o governo exigiu uma série de procedimentos para conter a contaminação pelo covid-19, devendo assim, haver um tempo e número reduzido para apenas 10 pessoas, caixões fechados, e caso queira que o restante da família ou amigos compareçam, poderá fazer via chamadas de vídeos. “O que ocorre agora é que estamos, simultaneamente, diante de uma explosão populacional

sem precedentes, associada a uma imediata proibição de circulação, a não ser por extrema necessidade, também nesses espaços” (PUERTO; BAPTISTA, 2020, pág. 8). Assim, para os que perderam um estimado amigo ou familiar, a será extremamente dolorido pois, a lembrança do ente querido ainda está muito presente na memória da pessoa que ainda permanece viva. Portanto, “os rituais diante da morte são muito importantes, porque regularizam as experiências, fornecem um lugar seguro, desde um lugar físico, até um lugar afetivo importante para expressão das emoções, para que as pessoas possam enfrentar este momento juntas” (FRANCO, 2020, pág. 1).

Esta situação onde não há despedidas, impediu os rituais de serem realizados e trouxe como impacto um abalo psicológico na população capixaba, pois muitas pessoas não aceitam o luto de forma rápida e fácil. Trazendo outra problemática, para aqueles que visitam com frequência os túmulos na espera de um conforto, os que praticam com assiduidade a limpeza e a conservação dos túmulos, ou das esculturas como forma de garantir a memória viva dos que ali jazem. Diante disso, há uma ruptura do universo simbólico, em razão da falta de alternativas em novas definições e possibilidades espaciais definidas pelo governo.

De acordo com Puerto e Baptista (2020, pág. 8) “É difícil prever todas as alterações reais de uma pandemia. O que se pode afirmar é que haverá uma alteração comportamental inicial, na interação e, até mesmo, na comunicação sobre o turismo em cemitério, tanto pelas questões higiênicas, quanto em respeito às vítimas [...]”. É pertinente e de fato responsável que as autoridades públicas pensem em estratégias eficazes para as possíveis epidemias e pandemias futuras. Para que assim, a população possa ter o seu ultimo adeus de forma apropriada. Para que as práticas performativas colaborativas

que envolvem o despedir-se do morto possam continuar integrando a paisagem urbana e ampliando essa dimensão pública da arte e dos artefactos da memória.

Conclusão

As enfermidades coletivas sempre determinaram alterações nas práticas culturais e, em especial nas artes e em suas formas de manifestação. O grande número de falecimentos por COVID-19 em todas as classes sociais, alterou não apenas os modos de se relacionar com os produtos culturais ligados especialmente às artes; ele provocou também um afastamento ainda maior do nosso cotidiano e seus modos de lidar com a morte e com as estratégias de rememoração do falecido. O impacto disto nos cemitérios monumentais fica mais evidente. Em particular num momento que estão sendo violentamente substituídos por cemitérios do tipo parque: grande e impessoais, refletindo um contexto social frio e distante que não se importa com a própria memória e história. Os governos agem com o intuito de diminuir e estabelecer medidas de controle para o desaparecimento das enfermidades, mas esquecem que seu grande impacto está no que permanece, ou no que desaparece incapacitado de ser lembrado. Desenha-se aí o fim da arte cimiterial.

Referências

- ARIÈS, Philippe. *O Homem Perante a Morte*. Mem – Martins, Publicações Europa-América, 1977.
- BRASIL. Tribunal de Justiça do estado do Espírito Santo. 23 de maio – Dia da Colonização do Solo Espírito-Santense. Disponível em: <<http://www.tjes.jus.br/23-de-maio-dia-da-colonizacao-do-solo-espírito-santense/>>. Acesso em 14 de set. de 2020.
- BONICENHA, Wallace. *Devoção e Caridade: as irmandades religiosas na cidade de Vitória – ES*. Editora Multiplicidade. Espírito Santo, Vitória, 2004.
- CARNEIRO, M. Construções tumulares e representações de alteridade: materialidade e simbolismo no Cemitério Municipal São José, Ponta Grossa/PR/BR, 1881-2011. *Revista Inter-Legere*, v. 1, n. 12, 17 set. 2013.
- DAEMON, Basílio Carvalho. *Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística*. 2. ed. Vitória: Secretaria de Estado da Cultura, Arquivo Público Estadual do Espírito Santo, vol.12, pág. 1-343, 2010.
- DERENZI, Luiz Serafim. *Biografia de uma ilha*. 2. ed. Vitória, ES: PMV, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1995.
- DIÁRIO DA MANHÃ. NECROLOGIO. Espírito Santo: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Necrologia, Edição 00199, pág.2, 16 de abril 1919.
- FONSECA, Juliana Luiz Carioca. *O cemitério São Miguel na cidade de Goiás: visualização de uma paisagem esquecida*. IX Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cimiteriais (ABEC). Porto Alegre/RS, 2019.
- FRANCO, Maria Helena Pereira. *Sepultamento em tempos de covid-19 exige mudança de rituais*. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/sepultamento-em-tempos-de-covid-19-exige-mudanca-de-rituais>>. Acesso em 14 de set. de 2020.
- FRANCO, Sebastião Pimentel. *Pânico e terror: a presença da cólera na Província do Espírito Santo (1855-1856)*. In: Almanack. Guarulhos-SP, n. 07, p. 117-136, 1º semestre de 2014.
- FREIRE, Mário Aristides. *A capitania do Espírito Santo: crônicas da*

- vida capixaba no tempo dos capitães-mores, 1535-1822. Vitória, Es: Oficina da Vida Capixaba, 1945.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- NOGUEIRA, Renata de Souza. Elos da memória: passado e presente, cemitério e sociedade / Links of memory: past and present, cemetery and society. *Vivência: Revista de Antropologia*, Natal, v. 1, n. 39, p. 81-90, 8 maio 2012. E-ISSN: 2238-6009.
- PREFEITURA DE VITÓRIA. Espírito Santo, Vitória. Notícias. Disponível em: <<http://vitoria.es.gov.br/noticias/noticia-11160>>. Acesso em 12 setembro 2020.
- PUERTO, C. B. D.; BAPTISTA, M. L.C. Necrópoles Frente à Pandemia Covid-19: Cenário Turístico. ROSA DOS VENTOS – Turismo e Hospitalidade. (3- Especial COVID-19), 12, pág. 8, 14 de junho 2020.
- Santa Casa de Vitória. A irmandade. História. Disponível em: <<http://www.santacasavitoria.org/minha-historia/>>. Acesso em 14 de set. de 2020.
- SANTOS, Sara J. dos; FREITAS, Artur. A arte cemiterial como fator de distinção e eternização do status social no cemitério São Francisco de Paula. *O Mosaico Revista de Pesquisa em Artes*, Curitiba, n. 7, p. 31-45, 2012.
- The New Work Times. Patrick Ireland, 36, morre; Criado para servir a paz. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2008/05/22/arts/design/22patr.html>>. Acesso em 12 setembro 2020.



REITOR**Paulo Sergio de Paula Vargas****VICE-REITOR****Roney Pignaton da Silva****PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO****Cláudia Maria Mendes Gontijo****PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO****Valdemar Lacerda Jr.****PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO****Renato Rodrigues Neto****PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO****Teresa Cristina Janes Carneiro****PRÓ-REITORA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL****Rogério Naques Faleiros****PRÓ-REITOR DE GESTÃO****DE PESSOAS E ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL****Josiana Binda****PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS E CIDADANIA****Gustavo Henrique Araujo Forde****DIRETORA DO CENTRO DE ARTES****Larissa Zanin****CONSELHO CIENTÍFICO**

Alexandre Siqueira Freitas (UFES); Almerinda Lopes da Silva (UFES); Ana Cavalcanti (UFES); Ângela Grando (UFES); Cecília Almeida Salles (PUC-SP); Cesar Floriano dos Santos (UFSC); Cláudia Maria França da Silva (UFES), Cláudia Matoos (universidade de Lisboa); David Ruiz Torres (Univ. Granada – UFES); Diana Ribas, (Univ Baía Blanca); Edson Reuter (UNICAMP); Elisa Ramalho Ortigão (FAPES); Erick Orlosk (UFES); Gisele Ribeiro (UFES); Isabel Maria Sabino Correia (Universidade de Lisboa); Isabela Frade (UERJ/UFES); João Wesley de Souza (UFES); Joedy Bamonte (UDESC); José Cirillo (UFES); Leandro Lesqueves Costalonga (UFES); Luís Jorge Gonçalves (Universidade de Lisboa); Luiz Sérgio da Cruz de Oliveira (UFF); Marcela Belo (UFES/UFMG); Marcos Martins (UFES) Maria de Fátima Couto (UNICAMP); Maria Luisa Távora (UFRJ); Pilar M. Soto Solier (Univ. de Granada); Raquel Garbelotti (UFES); Renata Cardoso (UFES); Ricardo Maurício Gonzaga (UFES); Rosana Paste (UFES); Sandra Correa (UFBA); Stela Maris Sanmartin (UFES); Tailze Melo (PUC-MG); Tatiana Rosa (MUCANE); Teresa Fernanda Gil (Univ. Granada); Waldir Barreto (UFES);

ORGANIZAÇÃO**José Cirillo; Marcela Belo; Ângela Grando****PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO****Thais André Imbroisi****OBRA**

“THE TOUCH IN 2020” - Cláudia Matoos, Lisboa, Portugal. (Díptico 120 cm x 80 cm) Acrílico s/ tela.

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Setorial do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil

S471a Seminário Ibero Americano Sobre o Processo de Criação nas Artes (10. : 2020 : Vitória, ES)
Arte e tempos de pandemia : anais do X Seminário Ibero americano sobre o Processo de Criação nas Artes [recurso eletrônico] / José Cirillo, Marcela Belo, Ângela Grando, organizadores ; Thais André Imbroisi, Ana Carolina Grasse Vieira, ilustradores Dados eletrônicos 1. ed. Vitória : EDUFES, 2020
p. 899 :
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-89300-00-7
Modo de acesso: <https://leena.ufes.br>

1. Criação na arte. 2. Arte moderna. 3. Ensino Arte. 4. Música. 5. História da Arte I. Cirillo, José, 1964 --. II. Belo, Marcela, 1982 --. III. Grando, 1950 --. IV. Título.

CDU: 7

Elaborado por Zilda F. de Oliveira CRB 6 ES 0065 0 /O

Notas dos editores:

- Os textos foram publicados na sua língua original, ficando sua revisão a cargo dos autores.
- A reprodução de imagens nesta obra tem caráter pedagógico e científico, amparada pelos limites do direito de autor, de acordo com a lei no 9.610/1998, art. 46, III (citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra). Toda reprodução foi realizada com amparo legal do regime geral de direito de autor no Brasil.

